

ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E ANÁLISE DE DISCURSO: diálogos e duelos***CONVERSATION ANALYSIS AND DISCOURSE ANALYSIS: dialogues and duels***Samuel Barbosa Silva¹ - IFCE Paula Andréa de Oliveira Dantas² - UECE Francisca Luzia Araujo de Souza³ - UECE **RESUMO**

Em nossas aulas de Análise da Conversação, fomos estimulados por meio das conversas/interações estabelecidas em sala de aula para a produção textual que contemplasse uma interlocução entre os estudos conversacionais e nossa linha de pesquisa no percurso de doutoramento, esta última, filiada aos estudos discursivos. Diante do desafio exposto, propomo-nos a comentar sobre as possíveis aproximações existentes entre a Análise da Conversação (AC) e a Análise de Discurso (AD) por meio do enunciado. Para tanto, recorreremos aos pressupostos metodológicos de revisão bibliográfica dos estudos conversacionais e discursivos fundamentados em Bakhtin (1990), Pêcheux (2014), Marcuschi (1998; 2010), Dionísio (2014), Orlandi (2015), Florêncio (2009) etc. para a discussão deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da Conversação; Análise de Discurso; Enunciado.

ABSTRACT

In our Conversation Analysis classes, we were stimulated through the conversations/interactions established in the classroom for textual production that contemplated an interlocution between conversational studies and our line of research in the doctoral course, the latter, affiliated to the discursive studies. In view of the challenge exposed, we propose to comment on the possible approximations between Conversation Analysis (CA) and Discourse Analysis (DA) through the utterance. To this end, we resorted to the methodological assumptions of the literature review of conversational and discursive studies based on Bakhtin (1990), Pêcheux (2014), Marcuschi (1998; 2010), Dionísio (2014), Orlandi (2015), Florêncio (2009) and so on for the discussion of this work.

KEYWORDS: Conversation Analysis; Discourse Analysis; Utterance.

¹ Doutor em Linguística (UFAL). Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE). É membro dos seguintes grupos de pesquisa: 1) Grupo de Estudo e Pesquisa em Análises de Discursos (GEPAD -UPE); 2) Grupo de Análise de Discurso (GrAD - UFAL); 3). Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (GEDON - UFAL). E-mail: samuelbarbosa@ifce.edu.br

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). Professora da Rede Estadual de Educação do Ceará. E-mail: andreadantas@gmail.com

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Pedagoga pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera; especialista em Psicopedagogia clínica e institucional; Membro do grupo de Estudo Práticas Educativas Memórias e Oralidade (PEMO/UECE). E-mail: francisca.luzia@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

Em nossas aulas de Análise da Conversação fomos estimulados por meio das conversas, interações, estabelecidas em sala de aula para a produção textual que contemplasse uma interlocução entre os estudos conversacionais e nossa linha de pesquisa no percurso de doutoramento, este último filiado aos estudos discursivos.

Diante do desafio exposto, propomo-nos a comentar sobre as possíveis aproximações existentes entre a Análise da Conversação (AC) e a Análise de Discurso (AD) por meio do enunciado. Para tanto, recorreremos aos pressupostos metodológicos de revisão bibliográfica dos estudos conversacionais e discursivos fundamentados em Bakhtin (1990), Pêcheux (2014), Marcuschi (2010), Dionísio (2014), Orlandi (2015), Florêncio (2009) etc. para a discussão deste trabalho.

Nossa intenção não é gerar expectativas no leitor de que proporemos algo novo (corremos apenas o risco), mas ao mesmo tempo, aponta a necessidade de se revisitar algumas reflexões que partem dos estudos conversacionais e discursivos para pensar o enunciado enquanto diálogo social e seus efeitos de sentido para que os sujeitos possam agir no/sobre o mundo.

Estabelecemos no percurso do texto, três momentos que, a nosso ver, são indissociáveis para o propósito inicial de interlocução. Nas subseções esboçamos sucintamente acerca do surgimento da teoria da análise da conversação, desde a etnometodologia dos estudos sociológicos até os estudos linguísticos. Em seguida, tratamos da teoria do discurso fundada por Michel Pêcheux no contexto francês e, por fim, especificamos o enunciado como categoria/conceito que corrobora em um possível elo entre a AC e a AD.

ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: PRIMEIROS PASSOS DA CONVERSA

A oralidade está presente em nosso cotidiano das mais variadas formas e possibilidades de manifestação da conversa, seja formal ou informal. Destacamos a oralidade, em nossos estudos, enquanto prática sociointerativa, pois compreendemos que tal perspectiva possibilita o sujeito em ação, movimento na linguagem, isto é, há uma interação nas práticas orais por meio de sujeitos que conversam. Nas palavras de Koch (2003), a concepção sociointeracionista advoga os sujeitos como seres sociais que, ao interagir, usam a língua dialogicamente.

Compreender a importância da oralidade é fundamental para os estudos da análise da conversação⁴, uma vez que as práticas orais espontâneas entre os falantes constituem o objeto de estudo da AC: a conversa. Marcuschi (2010) reconhece que mesmo com o avanço das diversas tecnologias, como o uso da escrita⁵, a oralidade é insubstituível. Além disso, os povos em diferentes culturas, contextos e situações fazem uso de uma tradição oral, enquanto poucas pessoas têm acesso à modalidade escrita (Silva, 2017).

No entanto, isso não faz a oralidade mais ou menos importante que a escrita; faz perceber que aquela aparece primeiro que esta. Nessa perspectiva, é posto que a fala, enquanto manifestação da prática oral, é adquirida de modo natural em situações informais do cotidiano através das relações interativas e

⁴ Trataremos sobre a Análise da Conversação, de forma específica, mais adiante.

⁵ Neste momento não entraremos nesta discussão sobre fala e escrita, mas entendemos esta relação como um *continuum* tipológico como afirma Marcuschi (2010a). Para uma melhor apreciação recomendamos o livro deste autor.

dialógicas entre as pessoas (Silva, 2017, p. 19).

A oralidade exerce uma tarefa fundamental na sociedade, pois como afirma Marcuschi (2010, p. 25), ela é “uma prática social interativa para fins comunicativos”. Sendo assim, a oralidade assume também uma importante composição nos estudos da AC por trabalhar com dados orais naturalísticos. Em outras palavras, a “AC se volta para investigação de situações que ocorrem no dia-a-dia e da maneira como elas aconteceriam” (Silva; Andrade; Osterman, 2009, p. 4).

É nessa interação com os estudos orais que nos situamos na Análise da Conversação, compreendendo assim, a conversa como “uma atividade social” (Dionísio, 2014, p. 69), dialógica, interação verbal entre sujeitos. De acordo com Silva (2017, p. 23), “etimologicamente a palavra conversação vem do latim *conversare*, que significa convivência, ação que requer, em sua essência, uma cooperação entre os falantes para que ela seja efetivada”.

A Análise da Conversação surge na década de 1960, advinda dos estudos sociológicos, particularmente da etnometodologia, com a obra *Studies in Ethnometodology*, do sociólogo Harold Garfinkel (Coulon, 1995). Inicialmente, a obra questiona os métodos tradicionais utilizados pela sociologia para a organização da sociedade, sendo assim, consegue avançar nas discussões propondo a compreensão da sociedade e dos sujeitos por meio da conversação, isto é, do ponto de vista da sociologia etnometodológica “a conversação nos diz algo sobre a vida social [...] do tipo: ‘como nós conversamos?’” (Dionísio, 2014, p. 70).

Para Silva, Andrade e Osterman (2009, p. 2) o foco da análise dos etnometodólogos é centralizado nos sujeitos com “suas interações e o modo como eles tratam as suas ações e as ações dos outros”. A etnometodologia constitui dois grupos que se dividem entre os analistas da conversação e o dos sociólogos, o primeiro refere-se à investigação da fala em interação entre os sujeitos que organizam a sociedade por meio das relações de classe, poder, gênero etc., enquanto o segundo, estuda os aspectos puramente sociais que envolvem a educação, a justiça, as classes sociais etc., ou seja, não concentra suas investigações apenas nos dados orais. Coulon (1995, p. 26) assevera que:

a etnometodologia começa a cindir-se em dois grupos: o dos analistas da conversação que tentam descobrir em nossas conversas as reconstruções contextuais que permitem lhes dar um sentido e dar-lhes continuidade; e o dos sociólogos para os quais as fronteiras reconhecidas de sua disciplina se acham circunscritas aos objetos mais tradicionais que a sociologia estuda, como a educação, a justiça, as organizações, as administrações, a ciência.

Nos estudos linguísticos, as contribuições dos sociólogos pioneiros da AC⁶ possibilitaram trazer um novo questionamento: “como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação?” (Eggins; Slade, 1997), pergunta fundamental para pensar a linguagem em funcionamento e ter como objeto de estudo a conversação⁷. A partir das reflexões de Eggins e

⁶ Sacks, Garfinkel, Schegloff e Jefferson são os primeiros estudiosos que possibilitaram os estudos conversacionais na sociologia. Ver maiores detalhamentos em “Análise da Conversação: uma breve introdução” (Silva, Andrade; Osterman, 2009).

⁷ No Brasil, temos como pioneiro nestes estudos o professor Luiz Antônio Marcuschi com sua obra *Análise da Conversação*, surgida na década de 1980, quando o linguista coloca a conversação como a primeira das formas de interação verbal em sociedade.

Slade (1997), Dionísio (2014) afirma que os linguistas da AC “reconhecem que a conversação nos diz algo sobre a natureza da língua como fonte para se fazer a vida social” (p. 70). Para os linguistas da AC, a conversa também se torna seu objeto de estudo, pois concebe-a

[...] como algo a mais do que um simples fenômeno de uso da linguagem em que ativa o código. Ela é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais; [...] Neste contexto a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento (Marcuschi, 1998, p. 6).

Na mesma direção, Dionísio (2014) estabelece quatro razões que justificam os estudos conversacionais nos estudos linguísticos, são elas: (1) constitui a prática social dos seres humanos; (2) desempenha um importante papel na construção das identidades sociais e relações interpessoais; (3) as ações do ato de conversar estão além de ser uma habilidade linguística dos seus usuários; a razão (4), apoia-se no dizer de Marcuschi (1998, p. 6), quando diz que a conversação permite a abordagem de questões envolvendo “a sistematicidade da língua presente em seu uso e a construção das teorias para enfrentar estas questões”.

A conversação pode ser compreendida de formas diversas (Silva, 2005), desde um sentido mais amplo até um mais estrito, como afirma Silva (2017, p. 23) “Num sentido amplo, pode se referir a qualquer interação oral planejada (conversação formal) ou não planejada (conversação informal). Num sentido estrito, aparece como conversação espontânea, desprovida de qualquer planejamento prévio”.

Nos estudos da linguagem, temos vários autores que dialogam entre si para a definição da conversação, citaremos alguns, a exemplo de Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 9) quando afirmam “a conversação se produz dialogicamente, como criação coletiva”. Levison (2007, p. 361) atribui à conversação como um “[...] tipo conhecido e predominante de fala em que dois ou mais participantes se alternam livremente”. Acrescentamos também o dizer de Marcuschi (2003) quando diz ser a conversação a primeira forma de interação entre os usuários da língua em sociedade.

Dionísio (2014, p. 74) reforça que o “objeto de estudo da AC é justamente a conversação natural, ou seja, aquelas que são produzidas em situações naturais”. Dito isto, os analistas da conversação estão diante de um grande desafio para a coleta dos dados orais⁸ dos sujeitos de forma espontânea para a construção das pesquisas em torno de seu objeto de estudo. Obter estes dados orais naturais é complexo, pois exige do analista um rigor técnico para alcançar a espontaneidade que o ato da conversa exige.

Para o procedimento metodológico, Silva, Andrade e Osterman (2009, p. 5) sustentam a ideia já anunciada por Labov (1974) sobre o paradoxo do observador, pois refere-se “a subjetividade inerente da condição humana e torna-se parte inexorável do cotidiano do pesquisador que almeja sair a campo para trabalhar com seres humanos”. Dito de outro modo, o analista da conversação também assume riscos no processo de coleta/análise destes dados orais naturalísticos porque é atravessado das suas subjetividades, sendo impossível, ser totalmente isento das intervenções que a pesquisa exige, porém há meios técnicos que tentam promover o maior afastamento possível dessas subjetividades.

⁸ Segundo Silva, Andrade e Osterman (2009) a principal maneira de obter os dados naturalísticos consiste com as gravações em áudio e/ou vídeos das conversas entre os falantes.

Uma das formas que os pesquisadores encontram para lidar com essa questão é descartar as primeiras gravações feitas (quando isso é possível). [...] Outro procedimento imprescindível em pesquisas que se utilizam da AC é a transcrição das conversas gravadas. [...] As transcrições feitas depois (da gravação de uma interação) são utilizadas como uma forma conveniente para representar o material gravado de forma escrita, mas certamente não como uma possível substituição desse material (Silva; Andrade; Osterman, 2009, p. 5).

A AC, nos estudos da linguagem, permite compreender a conversação através de mecanismos fundamentais para o estudo do texto oral. Dionísio (2014) destaca alguns destes: (1) o tópico discursivo; (2) a organização tópica que se divide na centração e na organicidade. Silva, Andrade e Osterman (2009) acrescentam outros como: (3) sequencialização; (4) pares adjacentes; (5) organização da preferência; (6) organização da tomada de turno; (7) organização do reparo etc.

Na AC também é importante destacar o grau de formalidade da conversa (formal e informal), bem como considerar a relevância da conversação “como processo de produção de sentidos” (Dionísio, 2014, p. 72). Estudar a conversa é destacar sua estrutura organizacional por meio da linguagem e, ao mesmo tempo, enfatizar como os sujeitos interagem entre si, produzindo sentidos a partir das condições de produção da conversa.

Pêcheux e a teoria do discurso

Concordando com Orlandi (2015, p. 13), “há muitas maneiras de se estudar a linguagem”. E apropriando-se desta afirmação entendemos que a teoria do discurso, postulada por Michel Pêcheux⁹, é uma das formas de se compreender a linguagem no e sobre o mundo por/para sujeitos. Sendo assim, exige também recuperar, mesmo que minimamente, momentos históricos que possibilitaram o surgimento da Análise do Discurso, além de trilhar o percurso teórico-metodológico evidenciado pelo filósofo francês em suas inquietações filosóficas que permitiram fazer o caminho que vai da língua ao discurso.

Percorrer esse caminho será um exercício peculiar e, sobretudo, um esforço intelectual dos estudiosos que contribuiram para o projeto político da Análise do Discurso¹⁰ em meados do século XX, na França, período em que grandes acontecimentos ao redor do mundo estavam ocorrendo e vão desde os movimentos sociais até as grandes guerras que envolveram os Estados Unidos e a antiga União Soviética (capitalismo x socialismo). A história da AD é caracterizada por Malidier (2014) como uma teoria que a princípio teve contribuições do linguista Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, que sentiam a necessidade de criar um projeto político – utilizando a língua como ferramenta ou arma – para tentar interpretar questões políticas que estavam sendo veladas.

A França dos anos 60 não estava alheia ao turbilhão dos acontecimentos mundiais da época; pelo contrário, na Europa ocidental era um dos seus centros motrizes. O desfecho da segunda guerra mundial dependeu

⁹ Ele é o fundador da Análise de Discurso que teoriza como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem (LABEURB - UNICAMP).

¹⁰ De acordo com Amaral (2007) Françoise Gadet, Jean-Jaques Courtine, Catherine Fuchs, Jean-Marie Marandi, Denise Malidier e outros estudiosos trabalharam com Michel Pêcheux sobre a problemática do discurso.

exclusivamente de dois países não situados na Europa ocidental: Os Estados Unidos e a União Soviética (leste europeu e parte da Ásia). [...] A nova ordem mundial, marcada pela disputa geopolítica de dois modelos econômicos antagônicos –capitalismo x ‘socialismo’ – gerou uma corrida armamentista sem precedentes (Florêncio et al., 2009, p. 21).

O surgimento da Análise do Discurso nasce em meio a estes conflitos sociais que atinge também o campo epistemológico no final dos anos 1960, isto é, ocorre “um questionamento dos saberes estabelecidos, dentre eles, o estruturalismo reinante na França na década de 60” (Florêncio et al., 2009, p. 22). Nesse período, ocorrem oposições ao estruturalismo e à gramática gerativa postuladas por Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, respectivamente¹¹.

Pêcheux propõe uma nova forma de se discutir/analisar o que está sendo dito pelos políticos na França no período do final da década de 1960, “já que, como marxista, não bastava a Pêcheux apenas ‘explicar’ o mundo, mas transformá-lo” (Florêncio, 2009, p. 30-31). Além disso,

[...] devido à forte tendência estruturalista da época, essa nova forma de leitura proposta por Michel Pêcheux causa grandes inquietações tanto para os linguistas tradicionais quanto para os políticos que viam esse projeto político da AD como uma ameaça aos propósitos articulados pela política da França na referida época (Silva, 2017, p. 28).

Nessa conjuntura busca-se, inicialmente, um outro olhar sobre a língua, observando as incursões sistemáticas que já eram estabelecidas sobre a mesma e questionando uma análise da língua para além do nível frasal, mas tomando o texto como elemento fundamental. Nesse percurso de releitura das teorias linguísticas, Pêcheux observa que a língua possui determinados atravessamentos da exterioridade social, funcionando assim para além de um sistema abstrato de signos, “mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (Orlandi, 2015, p. 13-14).

Pêcheux, ao mesmo tempo em que questionava o conceito de língua abordados pelos dois vieses da linguística, também afirmava que a língua é sistemática, mas que para que fizesse sentido na interlocução entre os sujeitos no mundo não poderia haver apenas uma conceituação interna, os valores exteriores eram fundamentais para que a língua pudesse ser um mecanismo de uso e produtora de sentidos no mundo. Leandro Ferreira (2016, p. 25-26) endossa sobre o pensamento de Pêcheux acerca da língua ao dizer:

mas que língua era essa que interessava tanto assim a Pêcheux? Era e não era a língua de Saussure. Por que era? Porque Saussure foi o primeiro a recortar a língua como objeto e não como mero pretexto especulativo para examinar sua história e evolução. [...] E por que não era a língua de Saussure a mesma de Pêcheux? Porque o que Michel Pêcheux sempre projetou foi precisamente superar o corte saussuriano – da língua e fala – e tentar rearticular, sob novos princípios o que havia sido separado.

¹¹ Para maiores detalhamentos ver o artigo de Maldidier (2014) “Elementos para uma história da análise do discurso na França”.

Todavia, ao fazer o chamado “corte saussureano” no modo de conceituar a língua, tornando sua autonomia questionável, compreende que essa exterioridade - da qual a língua depende - é composta da história enquanto parte do trabalho social geral. Além disso, movido pelas grandes inquietações da época do seu professor Louis Althusser, ao problematizar sobre a relação dialética entre a infraestrutura (campo econômico) - e a superestrutura (instituições sociais) que compõem a sociedade e os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)¹², passa a fazer “uma reflexão sobre a história da epistemologia e da filosofia do conhecimento empírico” (Orlandi, 2015, p. 14).

Com isso, Pêcheux recorre às Ciências Sociais para trazer as contribuições do materialismo histórico, de Karl Marx, para as discussões que articulam a língua e a história, ou seja, partindo da teoria das transformações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias e esta, por sua vez, produzindo sentidos na língua. Em outras palavras “a materialidade da língua funde-se à materialidade da história e opera nas relações sociais” (Florêncio et al., 2009, p. 23).

Entretanto, ao trazer as contribuições da teoria social das ideologias, questiona as Ciências Sociais, ou seja, faz uma releitura do que é posto pelo materialismo histórico ao observar que a história e a sociedade não são independentes, também passa a interrogar a transparência da linguagem sobre a qual elas assentam-se (Orlandi, 2015), mas que a mesma língua opera diferentemente no dizer dos sujeitos, isto é, “os conflitos existentes entre os sentidos de uma mesma palavra estão arraigados com a estrutura social vivenciada pelos sujeitos” (Silva, 2017, p. 31).

Nessa interlocução entre a língua e o materialismo histórico, Pêcheux (2014) também passa a questionar o papel do indivíduo atribuído também pelo sociologismo e pelo psicologismo. Um indivíduo autônomo, centrado, independente etc. Então, a partir das contribuições de Althusser, acerca dos AIE, que ele vai romper com as ideias do indivíduo e passa a conceber a concepção de sujeito, ampliando a concepção de singularidade (indivíduo) para a questão social (sujeito), ao dizer que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 2014). Somado a isto, “entra a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história” (Orlandi, 2015, p. 17)¹³. O quadro epistemológico da AD passa a ser constituído por três áreas do conhecimento científico, conforme assinalam Pêcheux e Fuchs (1990, p. 164):

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

¹² Ver a obra *Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)* de Louis Althusser publicada em 1970.

¹³ É importante lembrar que o percurso da AD na construção da abordagem teórica e dos procedimentos de análise passaram por algumas redefinições que dividiram a AD em 3 momentos, conforme salienta Pêcheux (1990a) em seu artigo “A análise do discurso: três épocas”.

Pêcheux (2014) propõe uma tríplice aliança teórica para desenvolver o projeto político da Análise do Discurso e compreende as dificuldades que encontrará neste percurso que lhe renderá bastante críticas pelos entrecruzamentos dessas áreas do saber, nas palavras do próprio Pêcheux (2014, p. 299) já existe um posicionamento e um propósito ao dizer que “intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido pelo fogo de um trabalho crítico [...]”.

A análise de discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso. [...] A articulação dessas três regiões nos estudos do discurso é que resulta na posição crítica assumida nos anos 60 em relação à noção de leitura, de interpretação, que problematiza a relação do sujeito com o sentido (da língua com a história) (Orlandi, 2015, p. 18-23).

Considerando o caminho traçado por Pêcheux (2014) - da língua ao discurso - ao propor a teoria do discurso percebemos as problemáticas postas pelo filósofo e a necessidade de se romper parcialmente com conceitos já cristalizados da sua época, com as releituras das diferentes áreas do saber, em um momento político bastante conflituoso, mas, ao mesmo tempo, o contexto vivenciado na França exigia essa mudança de terreno, questionando assim a noção de leitura homogênea, de sentidos construídos pelos sujeitos fora do arcabouço histórico, da ideologia.

Dessa forma, Pêcheux (2014) compreende que a língua não é transparente, mas opaca, sujeita a equívocos, falhas, interpretações e “percebe que a língua enquanto produto social é fruto das relações sociais de uma determinada forma de sociedade” (Silva, 2017, p. 29). Pêcheux (2014, p. 91) reconhece que “o sistema da língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe” e funciona como “a base comum de processos discursivos diferenciados” (Pêcheux, 2014, p. 81, grifos do autor).

A língua funciona como o lugar da materialização do discurso, “consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2015, p. 15). Compreendemos assim, que o discurso funciona como entremeio da língua e da ideologia, sendo produtor de efeitos de sentido entre locutores (Pêcheux, 2014). Sendo assim, o discurso é o objeto de estudo da Análise do Discurso.

Tomando a língua como uma materialidade discursiva, fio do discurso, podemos dizer que é nela que repousam todas as manifestações ideológicas de uma determinada estrutura social, com isso, os fatores extralinguísticos para Pêcheux são essenciais, porquanto são eles que vão corroborar na construção dos efeitos de sentido dos signos linguísticos (Silva, 2017, p. 30).

Ao possibilitar a teoria do discurso, Pêcheux (2014) menciona que o conceito de discurso, nessa perspectiva, não está associado apenas à fala, ao texto, à transmissão de informação, mas possibilita gestos de interpretação a partir dos efeitos de sentido que emergem na língua por/para os sujeitos, isto é, “[...] implica em explicitar como o texto organiza os gestos

de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura” (Orlandi, 2015, p. 25). Enfatiza-se assim que a língua e os efeitos de sentido gerados por ela é parte de uma ordem socio-histórico-ideológica, não podendo o sentido de uma dada palavra ser unívoco, ele apresenta-se pluralizado, heterogêneo.

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que ‘se revestem de um sentido’, não poderia ser determinada por propriedades da língua (por exemplo, ligações ‘linguísticas’ entre sintaxe e léxico); isso seria justamente admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido (Pêcheux, 2014, p. 263).

Analisar a língua pela via do discurso é saber que não existe um sentido verdadeiro, homogêneo, dicionarizado, mas que está sujeito à ideologia, à história. Com isso, a Análise do Discurso possibilita por meio do discurso, como instrumento científico, levantar questões, através da interpretação, que coloquem em jogo as posições ideológicas que possibilitam o surgimento de dado discurso e não de outro, por isso, a AD está interessada em como o texto significa.

Enunciado: um diálogo necessário entre AC e AD

De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 43) o diálogo pode ser compreendido como uma “serena disputa de um jogo entre cavalheiros, que se desenvolve, como em todo jogo, a partir de regras gerais estabelecidas a priori, embora, também como nos jogos, cada lance ofereça uma margem de liberdade e se decida internacionalmente em cada jogada; tudo como deve ocorrer entre pessoas que dialogam”. Partindo desse pressuposto, entendemos que a conversa (objeto de estudo da AC) é diálogo, interação verbal e está circunscrita no plano do enunciado/enunciação já postulado por Bakhtin (1990).

Em contrapartida, temos os estudos da teoria do discurso fundadas por Michel Pêcheux que concebe o discurso enquanto materialização da ideologia, mas também o discurso materializado no enunciado permite-nos pensar o funcionamento linguístico atravessado por um discurso-outro, construindo a heterogeneidade discursiva sob o mesmo enunciado. Pêcheux (2006) em *Discurso: estrutura ou acontecimento?* já advoga a necessidade de articular o enunciado aos estudos discursivos para compreender como essa categoria corrobora nas diferentes formas de constituição dos sentidos.

Sendo assim, Bakhtin e Pêcheux conversam brevemente, na subseção a seguir, sobre seus entendimentos acerca do enunciado possibilitando uma possível aproximação, por meio desta categoria/conceito, para os estudos da análise da conversação e análise de discurso.

Enunciação/Enunciado¹⁴

¹⁴ Consideramos pertinente trazer a enunciação - conceito utilizado por Bakhtin - para chegarmos a discussão sobre enunciado na teoria Bakhtiniana.

O diálogo, para Bakhtin, é concebido por meio da interação verbal. Na interação verbal, o sujeito, ao enunciar, assume uma compreensão responsiva ativa, podemos assim dizer, que a interação verbal possibilita também a interação social, um sujeito que está dialogando com outros sujeitos em um dado contexto social. Falar de enunciação, então, remete-nos a trabalhar a interação verbal, a conversa, uma vez que para Bakhtin (1990, p. 121): “a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística”.

Seguindo o entendimento bakhtiniano, compreendemos ser a enunciação os atos de conversação que são produzidos no processo de interação verbal, possibilitando assim, a interação social, seja no contexto mais imediato ou amplo de sua produção. “A enunciação é o ato de fala e este ato só é possível mediante a interação verbal entre os sujeitos, além disso, o que se fala só terá sentido para os envolvidos, se estiver inserido em um contexto significativo” (Araújo, 2014, p. 185).

Nesse processo de constituição da enunciação, é importante pensarmos no papel dos sujeitos que estão no processo de interação, pois, os sujeitos da enunciação desempenham posições que na produção enunciativa não se encontram inertes, imobilizadas, sedentárias, isto é, assumindo apenas uma posição de ativo/passivo no processo de enunciação, ao contrário, estão em constante processo de atividade dialogal, conversacional, produzindo sentidos. Araújo (2014, p. 185) complementa ao dizer que “[...] em um determinado momento, um sujeito é o locutor e o outro interlocutor e ao passar a palavra para o outro, estes papéis se invertem. Então, sempre há um jogo de inversões entre locutor e interlocutor”.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra* dirige-se a um interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no sentido figurado (Bakhtin, 1990, p. 112, grifo do autor).

Bakhtin (1990), como vemos, endossa que a enunciação é produto da interação, por isso, nosso destaque à interação verbal que é central nos estudos dialógicos. Tratar sobre a enunciação é também dar ênfase ao enunciado que, no dizer do filósofo russo, este último, é “a unidade real da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 293), ou seja, enunciado é tudo o que está associado ao processo de comunicação verbal (seja oral ou escrito). Para Bakhtin, todo enunciado está associado a outros enunciados que surgem no processo da interação verbal, dessa forma, também é constituído de outras vozes sociais, de outros lugares, não único, não “adâmico” (utilizando-se de uma expressão do próprio Bakhtin). Podemos, então, assim dizer que “este enunciado não existe sozinho, ele se liga a outros enunciados numa relação dialógica e sempre estimula no ouvinte um desejo de resposta. Por isso, na interação as posições ouvinte e locutor não são fixas, elas se alternam e o enunciado sempre partirá de um sujeito para o outro” (Araújo, 2014, p. 188).

Já no contexto francês, Pêcheux (1983) vai estabelecer um entrelugar para o enunciado em suas reflexões acerca das inquietações teóricas que o “fogo do trabalho crítico” acerca do

discurso permitem chegar. Em sua obra *Le discours: structure ou événement?*, parte da análise de um enunciado específico [On a gagné] para concebê-lo sob duas possibilidades: estrutura e acontecimento, isto é, a relação entre descrição/interpretação. Pêcheux (1983, p. 23, grifo do autor) continua:

mas, simultaneamente, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] é profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um pronome “indefinido” em posição de sujeito, a marca temporal aspectual de realizado, o lexema verbal “gagner” [“ganhar”], a ausência de complementos) imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícita - paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. - isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável.

Pêcheux (1983) já afirma a necessidade de se considerar o enunciado como opaco, não fixo, aberto a interpretações. Ao mesmo tempo, diz que é “materialidade léxico-sintática”, ou seja, compreende o enunciado como aquele que é da ordem do real da língua, da transparência da linguagem, produto da evidência de sentidos. O enunciado, para o analista do discurso, está intrinsecamente emaranhado por uma *rede de relações associativas implícita*, isto é, por enunciados diferentes.

Um enunciado é constituído também por esta outra série heterogênea de enunciados, dessa forma, a estabilidade, a interpretação, a lógica, a transparência, a evidência do enunciado não podem ser concebidas de maneira homogênea, fixa, sem opacidade. “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de descolar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1983, p. 50). E ainda diz que: “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso” (Pêcheux, 1983, p. 53).

Sendo assim, conceber o enunciado para o filósofo marxista é saber que ele é suscetível de “pontos de deriva”, em que a estabilidade do sentido do enunciado sempre pode ser outra, dando lugar a novas possibilidades de interpretação. Concordando com Araújo (2014, p. 201), “[...] o enunciado para Pêcheux é aquilo que foi dito, porém descritível dentro de uma materialidade linguística, cujo sentido será estabelecido a partir de relações entre enunciados”. O enunciado, como entrelugar, abre caminhos para o trabalho do analista do discurso para pensar a produção de sentidos e seus efeitos no discurso, por meio da ideologia.

PALAVRAS (NÃO) FINAIS

Apesar das limitações teóricas propostas neste trabalho, tentamo-nos esforçar propondo uma reflexão sobre os diálogos e duelos nos estudos da Análise da Conversação e da Análise de Discurso.

É preciso destacar que para Michel Pêcheux, o enunciado necessariamente não é o objeto teórico de estudo principal, mas entendemos que recuperá-lo a partir de algumas passagens teóricas deixadas pelo autor francês abre caminhos para o trabalho do analista do discurso para pensar a produção de sentidos e seus efeitos no discurso, por meio da ideologia.

Esta é uma conversa inicial que pretendemos futuramente retomar ao debate e aprofundar nossas discussões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Annyelle de Santana. As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux. **Linguagem - Estudos e Pesquisa**, Catalão-GO, v. 18, n. 1, p. 181-206, jan./jun. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. São Paulo: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952/53].

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In.: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2014.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. **Analysing casual conversation**. London, Cassell, 1997.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia.; AQUINO, Zilda. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. CASTILHO, Ataliba.; BASÍLIO, Margarida (Orgs.) **Gramática do Português falado**. 2. ed. Campinas - SP, Unicamp, 2002, vol. 4.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Pêcheux, nossa bússola inspiradora. In: GRIGOLETTO, NARDI, Evandra; Fabiele Stockmans de (Orgs.). **A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do discurso: fundamentos & práticas**. Maceió: EDUFAL, 2009.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LEVISON, Stephen. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In.: ORLANDI, Eni Pulcinelli et al. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Perspectivas dos estudos em interação social na Linguística Brasileira nos anos 90**. Recife, 1998 (Mimeografado).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de E. P. Orlandi et al. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; tradução de B. S. Mariani et al.**, Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso - estrutura ou acontecimento**. Campinas - SP: Pontes, 2006.

SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. The Preference for Self-Correction in the Organization of Repair in Conversation. **Language**, v. 53, p. 361-382, 1977.

SILVA, Samuel Barbosa. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para promoção do Capital**. 2017. 134f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SILVA, Caroline Rodrigues da; ANDRADE, Daniela Negraes; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.

SILVA, Luiz Antônio da. **A língua que falamos - Português: história, variação e discurso**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

SILVA, Josimar Gomes da. **Aspectos interativos da entrevista oral com moradores de uma comunidade quilombola, em Alagoas**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

| Submetido em: 26/01/2024
| Aprovado em: 21/03/2024
| Publicado em: 19/06/2024